



INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA PRELIMINAR DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DE SÃO LUÍS, MARANHÃO¹

Bianca Beatriz Roqué²
Poliana dos Santos Carvalho³
Ana Rosa Marques⁴

RESUMO

O projeto “Inventário Participativo como instrumento para identificação e gestão do patrimônio cultural” que está sendo desenvolvido no Bairro do Desterro, na cidade de São Luís – MA envolve diversas etapas, e tem por finalidade identificar as referências culturais para a comunidade que habita o local. A primeira etapa, denominada como “varredura” consiste no levantamento bibliográfico de materiais produzidos sobre o bairro que possam auxiliar na identificação de referências culturais para a população. Sendo assim, algumas referências culturais foram identificadas e classificadas conforme as categorias estabelecidas no manual do IPHAN: saberes, expressões, lugares, festas de construções. Além destas, optamos por acrescentar a categoria “pessoas”, que não consta no manual do IPHAN, mas a partir da leitura do material bibliográfico percebemos que as pessoas também se constituem patrimônio histórico do bairro. Como resultados, apresentamos fragmentos de textos do levantamento bibliográfico em que é possível identificar as referências culturais para a comunidade do Bairro do Desterro.

Palavras-chave: Inventário participativo, Patrimônio Cultural, Bairro do Desterro, Levantamento bibliográfico.

ABSTRACT

The project “Participatory Inventory as an instrument for identifying and managing cultural heritage” which is being developed in Bairro do Desterro, in the city of São Luís – MA involves several stages, and aims to identify cultural references for the community that lives there. . The first stage, called “scanning”, consists of a bibliographic survey of materials produced about the neighborhood that can help identify cultural references for the population. Therefore, some cultural references were identified and classified according to the categories established in the IPHAN manual: knowledge, expressions, places, construction festivals. In addition to these, we chose to add the category “people”, which is not included in the IPHAN manual, but from reading the bibliographic material we realized that people also constitute the neighborhood's historical heritage. As results, we present fragments of texts from the bibliographic survey in which it is possible to identify cultural references for the Bairro do Desterro community.

Keywords: Participatory inventory, Cultural Heritage, Bairro do Desterro, Bibliographic survey.

¹ Projeto financiado pelo Cnpq pela “Chamada no 40/2022 - Linha 5B - Projetos em Rede - Políticas públicas para a promoção da cultura” além de uma bolsa de Pós-Doutorado.

² Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, biancabeatrizroque@gmail.com;

³ Professora do Curso de Geografia do Instituto Federal do Maranhão campus Imperatriz - IFMA, poli.geo94@gmail.com;

⁴ Professora do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, anaclaros46@gmail.com;

INTRODUÇÃO

O projeto em rede “Inventário Participativo como instrumento para identificação e gestão do patrimônio cultural” foi aprovado pelo CNPQ no edital Pro-Humanidades 2022. A pesquisa, realizada em âmbito nacional, envolve quatro cidades brasileiras: São Luís - MA, Quixadá - CE, Tatuí - SP e Belém - PA. Este trabalho visa apresentar a experiência preliminar do Núcleo de São Luís, cuja equipe de trabalho é composta por dois professores da UEMA, um professor da UFMA, uma bolsista de Pós-Doutorado, três bolsistas de Iniciação Científica e dois voluntários. O recorte espacial é o Bairro do Desterro, no centro histórico de São Luís.

Em todo o território nacional existe uma infinidade de locais que podem ser considerados patrimônio cultural, dos mais diversos tipos: prédios históricos, igrejas, fábricas, monumentos, entre outros. Porém, nem sempre aquilo que é considerado patrimônio pelos órgãos oficiais, como o IPHAN, condiz com o que a comunidade local atribui importância simbólica e constrói vínculos afetivos. Por isso, é de extrema importância ouvir as pessoas, coletar suas narrativas, histórias, experiências, vivências, para que assim, se possa compreender quais são os elementos considerados patrimônio para os habitantes locais. Por estes termos, esclarecemos que o título deste projeto recebe o predicativo de “participativo” uma vez que a construção do inventário está vinculada à participação ativa da comunidade inventariada. É isto que Claire Damery (2008) denominou por “patrimônio afetivo” em sua tese de doutorado, intitulada “Espace public, patrimoine et milieu affectif: Exemples du Marais d’Orx et du Domaine d’Abbadia.”, orientada por Vicent Berdoulay.

Os resultados esperados com este trabalho estão para além do inventário. O projeto busca desenvolver uma metodologia de coleta e sistematização de informações para que seja possível nortear os procedimentos de inventariação do patrimônio cultural no país. Ou seja, a partir da construção destes parâmetros metodológicos, outras comunidades, prefeituras e instituições diversas poderão utilizar como base para a realização de seus inventários.

Sendo assim, este trabalho consiste em refletir sobre a primeira etapa do processo de inventariação: o levantamento bibliográfico, que se propõe, durante o processo do levantamento, registrar por escrito a construção das reflexões metodológicas. Consiste, portanto, em relatar, detalhadamente, as propostas pensadas pela equipe, a aplicação em trabalho de campo, e a avaliação dos resultados. A partir da reflexão sobre a experiência prática, a equipe decide quais estratégias podem ser mantidas, e quais devem ser aprimoradas. O documento gerado com os procedimentos para a inventariação permitirá executar o trabalho de forma otimizada, nos aspectos de tempo, recursos financeiros e recursos de pessoas.

METODOLOGIA

O projeto é composto por diversas etapas, e em cada uma delas é realizado um planejamento detalhado de técnicas e métodos de pesquisa. A primeira etapa, denominada por “varredura” consiste em um levantamento bibliográfico sobre o objeto de pesquisa, que é o Bairro do Desterro. Assim, o primeiro passo seria a definição do problema de pesquisa, qual seja: Como se encontra a relação da comunidade com os sentidos e significados quanto aos aspectos patrimoniais (material e imaterial) do Bairro do Desterro em São Luís (MA)?

Nesta etapa, primeiro foram definidas as bases de dados para o levantamento bibliográfico. Aquelas que podemos acessar virtualmente são: Banco de teses e dissertações; Google Acadêmico; Mendeley, Redalyc, Scielo, Periódico CAPES. As bases de pesquisa cuja atividade requer visita a instituições são: Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), Repositório da biblioteca da UEMA, Repositório da biblioteca da UFMA, Departamento de Patrimônio Histórico e Paisagístico do Maranhão (DHPMA), Fundação Municipal do Patrimônio (FUMPH), e Instituto de História e Geografia do Maranhão (IHGM). Cada um dos três pesquisadores de Iniciação Científica e voluntários do projeto ficou responsável pela pesquisa em um destes locais. A divisão foi realizada para que não houvesse trabalho duplicado, ou seja, dois pesquisadores coletarem os mesmos documentos.

Em locais onde são encontrados materiais físicos, como livros, fotografias, jornais, artigos, a coleta destes materiais pode ser realizada por fotocópia, digitalização ou fotografia. Considerando que a fotocópia e a digitalização necessitam de recursos financeiros, optamos pela fotografia. Em um primeiro momento, os pesquisadores vão até o local para selecionar os documentos que serão coletados. Após esta prévia seleção, eles retornam com a câmera fotográfica para realizar o registro das imagens com boa qualidade.

Os tipos de documentos que podem ser pesquisados são Teses, Dissertações, Monografias, Artigos publicados em revistas e jornais, Trabalhos em anais de eventos, Capítulos de livro, Notícias de jornal, Vídeos e fotografias, Programações televisivas. Também foi realizado um recorte temático das pesquisas, já que a quantidade de materiais é muito grande e este filtro prévio permite realizar esta seleção. Seguem os temas: história do lugar, dados censitários e populacionais, bases cartográficas, bens tombados e legislação, imagens em geral, leis, planos em nível nacional, estadual e municipal.

Como já sinalizamos, o nosso objeto de pesquisa é o Bairro do Desterro. Alguns trabalhos terão como objeto de estudo especificamente o Bairro. Já outros, podem abordar o centro histórico de São Luís ou até mesmo a cidade de São Luís, sendo o Bairro do Desterro



coadjuvante em um capítulo ou em algumas páginas do trabalho. Ainda assim, é importante coletar estes trabalhos, pois podem conter informações importantes para a pesquisa.

Sem dúvidas, tornar-se-á importante armazenar estes trabalhos em uma nuvem, para que todos os membros do grupo tenham acesso aos dados de forma online e para que os dados sejam atualizados em tempo real. Portanto, foi criada uma pasta compartilhada entre todos os membros do grupo no google drive. A pasta do google drive foi dividida em novas pastas conforme os tipos de documentos, para facilitar a análise do material posteriormente.

Quando colocamos os arquivos em uma pasta podemos visualizar por ordem alfabética. É importante lembrar que mesmo que cada pesquisador(a) se responsabilize por diferentes bases de dados, teremos arquivos duplicados, já que um mesmo documento pode estar em várias bases de dados. Os arquivos são nomeados forma padronizada para que sejam facilmente pesquisados, e também para identificar e excluir os arquivos duplicados. Ao coletar os arquivos, é necessário a produção de uma tabela com os dados principais de cada arquivo, para que possamos ter uma visualização rápida das principais informações, como: autor (as) (es); título do trabalho; natureza (tese, dissertação, monografia, trabalho em anais de eventos, artigos em revistas científicas, livro); tema; recorte espacial; ano de publicação. Sempre mantemos uma rotina de backup para não correr o risco de perder todo o material

À medida em que vamos fazendo o levantamento dos materiais, identificamos possíveis parceiros para contribuir com nosso projeto. Esse é um processo que indica como o levantamento bibliográfico pode ter efeitos reflexivos, conforme coloca Hissa (2017). Dentre eles podemos citar agentes ligados à gestão de órgãos públicos, professores e pesquisadores de universidades, moradores do Bairro do Desterro líderes de comunidade, entre outros. Todos esses nomes vão sendo acrescentados às listas, para que futuramente sejam contatados e convidados a participar do projeto, contribuindo com as suas visões de mundo. Após coletar todo o material, nossa equipe realizou uma leitura atenta, em especial para aqueles que realizaram entrevistas com as pessoas da comunidade. As falas das pessoas, transcritas em sua íntegra, permite identificar as referências culturais que serão posteriormente investigadas com maior profundidade, na confecção das fichas do inventário que irão compor o dossiê.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em termos quantitativos, até o momento, foram levantadas 19 dissertações, 4 livros/capítulos, 3 monografias, 2 teses, 12 artigos publicados em anais de eventos e 25 artigos publicados em revistas. Destes trabalhos, alguns se aproximam mais da nossa temática



de pesquisa, enquanto outras se distanciam. Portanto, mais importante que o trabalho quantitativo é o trabalho qualitativo, ou seja, a busca que trabalhos que possuam grande relevância para obter informações que possam complementar a pesquisa.

Como resultados temos a sistematização da pesquisa do levantamento bibliográfico apresentados na metodologia. Sendo assim, as categorias analíticas estabelecidas conforme o manual do IPHAN em sua publicação “Educação Patrimonial: Inventário Participativo” (FLORÊNCIO, 2016). Tais categorias analíticas são: Saberes, Expressões, Lugares, Festas e Construções. Dentro da ampla gama de trabalhos, selecionamos aqueles que seus autores realizaram pesquisas empíricas no Bairro do Desterro, entrevistando moradores e transcrevendo suas falas. Através destas, é possível identificar as referências culturais para os moradores do Bairro do Desterro através de fontes secundárias, antes de iniciar a fase da pesquisa empírica do nosso projeto.

Saberes

O Manual do IPHAN define a categoria saberes como “A realização de um produto ou serviço envolve técnicas e conhecimentos próprios que podem se constituir em referências culturais para o grupo, como a receita de uma comida, ou uma técnica especial empregada para tocar ou produzir um instrumento musical.” (FLORÊNCIO, 2016, p. 68)

O SEBRAE ofertou para a comunidade um curso de artesanato local. Este projeto é mencionado por toda a comunidade pois agregou saberes à população. Além de ser uma atividade que pode gerar trabalho e renda, também pode ser uma forma de lazer, entretenimento e união entre os membros da comunidade, que se reúnem em grupos para a produção de artesanato. Quando se pensa em patrimônio, a primeira coisa que vem à mente são saberes tradicionais antigos, que vão passando de geração para geração. Uma das moradoras da comunidade, identificada no trabalho de Mendes (2010) como Silva G., relata a maneira como o título de patrimônio proporcionou que iniciativas como estas fossem pensadas para a comunidade:

Depois que teve o título está muito legal, tá tudo certinho. Antes não era ruim porque nunca a gente teve esse negócio de patrimônio, cada um cuidava de sua casa, fazia tudo que queria pra gente mesmo, não tinha ninguém que queria pra fazer isso aqui, uma entrevista, uma barraca, uma besteira, no meu tempo não tinha isso, agora não. Na semana passada eles vieram aqui umas mulheres desse negócio de patrimônio histórico vieram aqui porque eu me legalizei no SEDUC, eu sou legalizada lá. Que eu trabalhei nessas bonecas, nas baianas, das coisas pra fazer eles botam os idosos pra se entreter, muito bem tratados. Assim, umas três horas tem merenda, depois que a gente acaba tudo. Eles tratam a gente muito bem. E disse que ia ter passeio que até agora não teve pra gente, vai ter passeio pra



nós idosos. Eu vou buscar o bonequinho que eu fiz, a baiana. Eu nunca tinha trabalhado em artesanato, talvez eles vão me chamar de novo. Eu gostei muito Tem sido frequentado. Cerâmica, ate agora agente vai recomeçar de novo pra fazer negocio. Eu já fiz duas etapas um curso de cerâmica, não só o de cerâmica, mas outros e agora vai ficar pra trabalhar mesmo. (sic) Pode qualquer pessoa, pode participar. Todo mundo pode. Independente do grau de estudo, a única empresa que trabalha pra todo mundo, só não vai quem não quer, é o SEBRAE, e às vezes tem ate pessoas que querem participar, não têm idade. O SEBRAE e o único que vigora aqui. (MENDES, 2010, p. 75).

Tal projeto do SEBRAE não é mencionado apenas por um morador, mas por vários moradores. Isto reforça que não teve importância apenas para uma pessoa, mas para a coletividade. Uma outra pessoa moradora do bairro, identificada por Ribeiro também menciona a importância do projeto para a comunidade:

Então, assim do projeto que veio pra cá desse Movimento Brasil Turismo e Cultura que chegou aqui através do SEBRAE, é um movimento bonito que também faz parte que na qual a visitação de um atelier. Que na qual o turista vai visitar o ateliê. A gastronomia eles vão querer saber como faz o arroz-de-cuxá. Vai até quem faz outro tipo de artesanato. Assim, a visitação pra quem tem novos motivos. Então é um projeto, é muito bonito. Só que as pessoas tem que se conscientizarem do que é uma comunidade, certo. Não fazerem ligação intra mais intrapessoal. Aquele só eu, eu, eu. É o que tudo de bom que nós temos aqui, então esse acervo que é do Convento, a vila do Desterro ao Cafua das Mercês, o Solar dos Vasconcelos, que era a casa de uma das baronesas e tudo isso nós temos uma história tão bonita a contar e porque que vai ficar no descaso. Eu acho que precisa mais de incentivo mais do que vem sendo dado e de pessoas e até mesmo que não seja do bairro e que queiram compartilhar, sabe conosco. E assim, digamos eu luto por esse espaço não porque moro aqui, porque sou proprietária eu e minha mãe, mas é pelo fato de que é um local tão bonito que é pra ser preservado a nossa história, porque é a nossa cultura. Que eu sou apaixonada pelo Centro Histórico e luto por ele, certo. Porque eu acho que a história é a referência nossa. Nossa se ela acabou, ela não existiu. Acabou. E outrora que existia isso e aquilo não tem mais, e as pessoas não tem, nem como contar e nem como resgatar. (MENDES, 2010, p. 90)

Até os dias atuais os moradores do Desterro militam pela melhoria da qualidade de vida da população. Sendo assim, organizam reuniões entre os moradores, discutem pautas, procuram órgãos públicos e reivindicam melhorias estruturais no bairro e ações que promovam emprego e renda para a população, como coloca uma moradora do bairro: “Acho que não deve ser só pra o comércio a gente tem que valorizar o que agente tem só pra ter lucros pessoais. A gente tem que pensar na melhoria na nossa melhoria e do bairro pra poder receber os visitantes que vem de fora conhecer o nosso patrimônio (...)” (MENDES, 2010, p. 95)

Então com esse projeto que vem vindo e para o resgate da cultura e as



peças entenderem que através do desenvolvimento do turismo territorial que o SEBRAE colocou foi o primeiro projeto, era pra que as pessoas do Centro Histórico sem detenção de idade fossem colocadas em oficinas pra que eles pudessem ter uma rentabilidade porque muitas pessoas são desempregadas, a maioria trabalham no comércio informal e muitos bicos e a maioria das pessoas vivem empurrando com o isopor de cerveja pra vender no carnaval, pro Carnaval essa é a realidade que não se pode ser mudada. Mas ai é que está, não é só pra quem está no projeto que quem tá na oficina não é só pra receber o diploma e colocar na parede e sim executar, fazer aquilo que aprendeu. Se aprendeu a fazer pregoeiro, pregoeiro era vendedor de verdura, era vendedor de carvão e assim sucessivamente, porque antes não tinha demanda, supermercado, então vinham nas ruas e hoje você não vê mais. Certo. Então a gente tem que contar a história como ela realmente aconteceu no passado em relação à comercialização aqui no Centro Histórico. (MENDES, 2010, p. 78-79)

O Desterro é historicamente um bairro onde vivem as classes menos favorecidas, pois era a área do porto, da prostituição. Assim, o bairro e seus moradores ficaram estigmatizados como uma área subalterna da cidade. Desde as primeiras décadas do século passado surgiram militâncias para que a população ganhe visibilidade e melhoria da qualidade de vida. As próprias manifestações da cultura popular são, também, instrumentos de militância política.

E o que tenho a dizer mais também sempre apertando na mesma tecla é que tem haver uma mobilização das pessoas, tem que se mobilizarem e no caso pra tentar revitalizar essa área aqui... Poxa se tem um largo do Desterro aqui, porque que não resgata o tambor da paz aqui no sindicato dos arrumadores e chama um dia da semana já que lá é na sexta-feira, já colocava no sábado, e caia na mídia e chamava as pessoas e já colocava a capoeira, descansava o tambor de crioula. Mas já era um incentivo pro artesanato como esse projeto da trilha sabe, seria assim bem viável. Porque no caso a pessoa vinha conheceria, porque tem pessoas, que é morador e é nascido e criado em São Luís do Maranhão e não sabe que a primeira igreja do Maranhão é a do Desterro, certo. Não sabe de nada. Assim, é tipo assim na minha concepção fazer campanha vir ao centro sabe ver o Centro Histórico conheça sua capital. Para você quando receber um turista saber informar as ruas, conheça a história local, sabe é muito bom, é uma das coisas que eu sempre bato na mesma tecla, certo! (MENDES, 2010, p. 94)

Os grupos que atuam na militância preservam e reivindicam a memória da comunidade. Os locais de encontro destes grupos envolvem vínculos de afetividade das pessoas com o lugar, implicando no patrimônio cultural construído por cada um.

Os “objetos”, categoria do patrimônio cultural estabelecida pelo IPHAN, também são influenciados por questões de militância política. Um exemplo no bairro do Desterro é o museu Cafua das Mercês. Neste local haviam apenas objetos que remetiam as pessoas negras ao período da escravidão. Os visitantes do museu reivindicaram a representação negra através



de outros símbolos, relacionados à dança, música, religiosidade, folclore, culinária, entre outros. Dessa maneira, o acervo do museu foi trocado. A partir desta categoria podemos questionar: quais monumentos presentes no bairro do Desterro são de fato representativos para a comunidade?

A militância também pode (re)contar narrativas históricas dominantes sob uma perspectiva mais crítica e inclusiva, o que influencia a maneira como a sociedade percebe e valoriza seu patrimônio cultural. Um exemplo é a denominação de “zona do baixo meretrício” atribuída à área onde haviam os locais de prostituição. Em entrevista com uma das moradoras do bairro que milita pela causa, ela afirma que atualmente os moradores não se sentem confortáveis e representados por esta denominação e expressam este sentimento a quem continua a assim fazer referência ao local.

A militância também se manifesta por meio da arte, como a cultura popular, a música, a literatura, as artes plásticas, entre outros. A arte que emerge destes movimentos representa as lutas e aspirações políticas de uma época. No bairro do Desterro existem diversos grupos relacionados à arte, como Bumba meu Boi, Tambor de Crioula, artistas plásticos, azulejistas, entre outros. Sendo assim, um dos objetivos do nosso projeto é compreender as práticas de militância e resiliência que a comunidade local utiliza como instrumento de luta para a melhoria da qualidade de vida da população e para colocar as pautas de reivindicações em visibilidade de grupos historicamente invisibilizados.

Expressões

O Manual do IPHAN define que na categoria formas de expressão “estão presentes valores e significados da cultura de um grupo. Elas fazem parte de todos os momentos da vida coletiva, desde o cotidiano até os momentos de celebração, transmitindo a visão que as pessoas têm da vida (...) dão visibilidade e sintetizam suas identidades.” Nesta categoria, algumas referências culturais foram identificadas, como a escola de samba Flor do Samba, o grupo de tambor de Crioula Tambor dos Onças, como relatado por Zelinda Lima no livro Memória de Velhos:

(...) no Carnaval, a Rua 14 de julho aqui no Desterro era um grande centro cultural. Tinha Escola de Samba dos Pescadores, tinha uma série de brincadeiras e o Tambor de Crioula vinha dançar na casa do meu pai. Mas ele era muito diferente do de hoje. Eram uns homens – geralmente era um pessoal de estiva – com seus familiares, que usavam roupas comuns, sempre roupas velhas, com chapéus de palha rasgados, e se pintavam com carvão, se tisonavam, como eles próprios diziam. Aí cantavam e dançavam a pungã, que



não era como hoje, mulher com mulher; a mulher apenas começava, mas todos participavam da punção, inclusive os homens. (LIMA, 2006, p. 262)

Além das manifestações da cultura popular já citadas, outras manifestações no Bairro do Desterro são o reggae e a escola de capoeira:

[...] mais ou menos nessa época que o reggae tomou um caminho muito do reggae eletrônico. Todo mundo até esqueceu um pouco de seus reggae roots pra tocar eletrônico. Só que eu nunca gostei realmente, aquilo nunca me atraiu. Eu queria continuar tocando reggae roots. E aí nós colocamos no Tombo da Ladeira que era escola de capoeira de Mestre Gavião, no Desterro [...] Disso nós começamos a fazer e disso gerou um movimento tão forte que depois de 3, 4 anos, lotava aquela praça toda. (NOGUEIRA, 2019, p. 74)

No bairro do Desterro existem vários grupos formais que expressam a cultura popular maranhense. As pessoas se reúnem para os ensaios, e se apresentam em festas que ocorrem por toda a cidade. Quando os grupos são solicitados às Secretarias Estadual ou Municipal de Cultura, órgãos públicos subsidiam financeiramente a participação. Esses grupos também são contratados para a realização de eventos particulares. Portanto, este incentivo financeiro propicia a permanência desses grupos e a manutenção da cultura popular.

Mas para além das atividades do grupo para geração de fonte de renda à comunidade, as práticas culturais estão presentes na espontaneidade de reunião das pessoas, e no prazer de estar ali em comunhão, praticando atividades de lazer e entretenimento que são cultuadas desde seus antepassados, incorporando as mais diferentes linguagens, como: dança, música, religião, confecção de instrumentos musicais e indumentárias. Tais práticas envolvem trocas afetivas das pessoas entre os membros das comunidades e com o próprio lugar.

Sendo assim, outro objetivo do nosso projeto é “catalogar as manifestações da cultura popular do bairro do Desterro com a finalidade de deixar registrado das mais diversas formas (filmagens, fotografias, narrativas, entrevistas)”.

Construções

Além da categoria “lugares” o manual do IPHAN também propõe a categoria “construções”. Assim, o documento diferencia as duas categorias da seguinte maneira: “Os lugares também podem ser especificamente edificações. As edificações podem ser de diferentes épocas e estilos e podem servir para diferentes finalidades. O importante é que elas representem uma referência para as pessoas.”

Aproximadamente metade da área do Bairro do Desterro é tombada como Patrimônio Histórico

Mundial pelo IPHAN e pela UNESCO. Nesta área existem diversos tipos de casarões, alguns em bom estado de conservação, e outros em mal estado. Alguns já desabaram devido ao estado crítico de sua estrutura. Muitos moradores possuem vínculo afetivo com o conjunto de casarões, e relatam a dinâmica da moradia no bairro:

Às vezes a pessoa quer comprar, mas pra fazer outra coisa e não pode por que não pode modificar o feitiço daquele. Esta vendo daquele imóvel vai ficando assim jogado esta vendo, que tem essas casas tem uns donos que ganha. Eles abandonam lá porque a maior das casas daqui, Rua da Palma e Rua 28 que vive abandonada, isso era de português, está compreendendo, eles tinham esses imóveis, botavam aluguel, isso era alugado, então eles iam vivendo com o dinheiro do aluguel, de vez em quando eles foram e deixaram na mão de encarregados que ficavam e esses outros ficavam com esses imóveis e iam alugando por conta própria quando os esbandalhava não tinha com o que consertar esses prédios e ai foi ficando abandonado aí hoje em dia ainda tem muitos casebres, casa bonita, casarão bonito, agora que estão levantando vários deles. (MENDES, 2010, p. 51)

No bairro muitas pessoas não têm onde morar, ao passo que existem muitos casarões abandonados. Apesar de existir alguns comércios, predomina o uso residencial dos casarões:

Olha o bairro do Desterro ele contém muitos casarões principalmente na Rua da Palma, aqui já, na acima do Convento das Mercês é em completo estado de abandono. É antigamente todos funcionavam com a zona do baixo meretrício, com era, era formado ali com as madames com as meninas de programas. Naquela época, como era chamado o baixo meretrício. Então havia toda movimentação e havia uma conservação ali, e o movimento era muito grande, era cidade, era a antiga zona como era chamada. Só existia esse ponto em São Luís e era aqui na Rua da Palma, aqui e era naquela quadra do Convento das Mercês até onde hoje é o primeiro distrito e com fechamento da zona ali foi ficando os casarões fechados e acabou a zona ninguém da cidade queria morar nesses casarões porque vai morar na zona, vão morar na zona. Então ficaram os casarões fechados abandonados e foram caindo. Você pode vê que hoje 80% lá só têm paredes, as ruínas já do Convento por aqui pra baixo sempre foi bairro residencial, familiar, continua até hoje um bairro familiar. Então tem conservação dessas casas, desses casarões, só que até hoje moram famílias. (MENDES, 2010, p. 69)

A Igreja do Desterro é a igreja mais antiga do Maranhão. A sua construção e elementos que a caracterizam é citado por grande parte dos moradores entrevistados. Alguns mencionam descaracterizações na construção que ocorrerem ao longo do tempo:

A igreja do Desterro era o nosso maior orgulho, quando eu cresci fui ser coroinha, o finado padre Arthur era meu padrinho, era o padre oficial da igreja e quem tomava conta era a pessoa que me criou, a Cocota juntamente com Dodona principalmente tomava conta da igreja. Nós da comunidade,



nós cuidava da nossa igreja, agente ia à procissão, todo tipo de atividade, nós fazíamos mutirão, e, em 74 o governo parece que sei lá tomaram, dizer que o governo tombou a igreja foi tombada, sei que tomaram da gente e foi o fim. Não teve mais missa, não teve mais procissão, roubaram o piso lindo que tinha mosaico francês, lindo! Levaram não sei pra onde. Os bancos que pesavam demais levaram também. Grandes luminárias que se usava na procissão levaram, isolaram os subterrâneos, taparam que ia pra fonte das pedras, fonte do Ribeirão... Até hoje, que dava as entradas que os escravos usavam pra se esconder na invasão os franceses. Taparam e isolaram as entradas e eu to aqui pra mostrar a quem interessar as entradas que foram isoladas. É isso aí minha filha, tudo muda a gente manda buscar padre de fora pra fazer a missa dia de domingo uma vez por semana, você tem que pagar... Eles pintam de vez em quando, ninguém liga mais pra nada, aí é a vida. (MENDES, 2010, p. 65)

Muitas pessoas que moram no bairro conhecem a história da igreja do Desterro, se interessam em ler e pesquisar sobre seu patrimônio.

A igreja do Desterro, a primeira edificação que conta a história, ela foi construída pelos portugueses, depois abandonada e mais tarde ela ficou em ruínas. Um negro que chamam ex-escravo aqui do bairro chamado de José do Lê, a custa de esmolas, de doações e de muita luta, juntando pedra, carregando taba, pá e conseguindo construir as primeiras paredes desta, as paredes baixas. Ele não viu seu sonho realizar, pois veio a falecer, deixando pra um outro morador de poucas posses, pouco dinheiro na época. Antonio José Furtado do Queixo que conseguiu também construí-la com a ajuda dos moradores. Ela possui uma única torre cimeira, foi feita a custa de doações das senhoras maranhense na época foi que contribuíram para edificar essa torre e ela tinha quatro sinos. Os sinos da, da foram batizados com os nomes São Jerônimo, Santa Bárbara, São Luís e São José. É a única igreja no Brasil, em toda America latina que, que contem traços. (MENDES, 2010, p. 66)

Muitos moradores reclamam que outras alguns locais da cidade recebem maior atenção do poder público em detrimento de outros. No caso das igrejas, muitas foram restauradas, enquanto a Igreja do Desterro continua carecendo de reparos:

Porque eu queria saber, por que é que todas as igrejas quando estavam renovando tudo de novo e não renovaram essa. Qual é o motivo minha filha. Por que é Desterro? Mas é Centro Histórico. Tem gente pobre. É porque não tem rico? Só tem pobreza aqui, mas deveriam olhar. ...Mas eu quero saber é por quê? Que não renova essa igreja, não pinta, agora mesmo está precisando de uma pintura pode sair e olhar por fora dela. Todas as igrejas estão com o trinco, bonitinha, porque é que não faz essa igreja daqui? Eu queria saber minha filha qual é o motivo? Por que não tem uma melhor de que outra. Você anda pela igreja da Sé é bonita já pintada de novo é zelada. Até ali no Monte Castelo que tem uma igreja é uma verdadeira beleza essa aqui esta abrindo pra botar os empregados pra turista vim aqui nessa igreja. (MENDES, 2010, p. 67-68)



As construções são definidas por aquilo que é físico, material, palpável. O recorte definido para o projeto coincide com a área que foi delimitada pelo IPHAN e pela UNESCO. Historicamente no Brasil, o patrimônio cultural foi pensado a partir de uma perspectiva material. Porém, nosso projeto visa mostrar também o patrimônio imaterial.

Lugares

Na categoria lugares, o manual do IPHAN considera que “alguns territórios, ou parte deles, podem ter significados especiais. Esses significados costumam estar associados à forma como o território é utilizado ou valorizado por certo grupo; são as experiências dessas pessoas que dão sentido especial ao lugar.” (FLORÊNCIO, 2016, p. 31)

No Bairro do Desterro havia um local em que beirava o mar. Este local ficou conhecido como Portinho, já que abrigava um porto que recebia mercadorias da região da baixada maranhense que abastecia toda a cidade. No local foram surgindo peixarias, fábricas de gelo, muitos pescadores e estivadores eram moradores do bairro. Além das atividades comerciais, o local era utilizado para atividades de lazer dos moradores do bairro. Na década de 1970 o local foi aterrado para a construção da Avenida Senador Vitorino Freire. Apesar de não existir mais o porto, o local ainda mantém a denominação de Portinho, e permanece na memória das pessoas como um local de afetividade, como relatado por alguns moradores:

Quando veio o aterro foi que desapareceu já tudo, daí foi que espalhou, por que era maré encostado daqui, onde é a Caema eles pegaram e fizeram a Caema, mas não rasgaram a rua. Teve protesto inclusive saiu até em jornais, pra ti vê, pra deixar a rua. Mas não ficou. Os políticos daquele tempo eram fortes, tinha tudo, tomaram conta, fecharam tudo, tomaram conta da rua. Por que no tempo do Jaracati a gente passava por dentro, era rua, ai saia daqui e ia direto pra Rua da Estrela e não podia ir lá por fora que era mar, onde hoje é ali o anel viário, aí não podia, então é uma coisa, que a gente fica assim como é que uma pessoa vai tomando conta assim das coisas dos outros. Nessa época aqui no Desterro tinha tudo isso. (MENDES, 2010, p. 42-43)

Um outro morador do Desterro também narra suas experiências e vivências no período em que a maré alcançava as terras do bairro:

Na água a gente lava os pés, estendia nossas roupas, tinha um muro e a gente botava um pau assim um do lado do outro e quando os barcos vinham batiam nos paus e as vezes derrubavam. A roupa ia na maré a gente depressinha puxava (...) O Desterro nessa época aqui em baixo a maré tinha um paredão, os barcos encostavam tudo ai, lancha, barcos, não havia essa avenida depois que fizeram. Essa escadaria ai era lisa, totalmente lisa, escorregava muita gente ai, ficava aquele limo. É bem ai onde é a Flor do Samba hoje, em baixo era uma fabrica de óleo, funcionava uma fabrica de óleo desse pessoal de Salomão que ainda tem esse paredão ai de frente que era o escritório. Era



calmo, havia alguma coisa de confusão nas ruas pra baixo, aqui no beco feliz pra baixo. Aqui, não! Era tudo calmo, não havia o calçamento nessa praça era terra mesmo, pés de árvores que hoje ainda tem mais eram mais. A igreja era essa mesmo, foram reformando por fora, por dentro tá a mesma coisa. Na minha infância aqui onde hoje nos estamos, hoje fazendo essa conversa aqui era maré, muita gente não sabe, não vê a gente dizer, não, não quer acreditar que onde hoje nos estamos pra onde é maré, é muito longe, mas aqui tudo era mar. Isso aqui maré invadia, tudinho. Entendeu? Essa rua que passa aí, no passado ainda não existia essa grande todinha. Esse prédio velho será só um cais, ia até a Afonso Pena, ali a maré invadia direto, a maré ia até, tu conhece fribazem? Então, na Afonso Pena até ali ia a maré encostava aí pro outro lado chamava-se zona aonde era um lixeiro que vem daquela parte do mercado pra cá merca do central. Ali era um lugar onde botava o lixo, tudo. (MENDES, 2010, p. 55)

O calçamento das ruas, em material de “pedrinhas” como se refere os moradores, também é muito mencionado. No largo do Desterro havia uma figueira em que os moradores fazem referência com saudosismo:

Isso aqui era uma maravilha, está bem diferente de hoje. Isso era minha infância, antigamente não tinha rua, não era encimentado era só pedrinhas. Tinha uma árvore linda na entrada da praça. Você que vem da Rua da Palma, você viu? Sombra maravilhosa, gigantesca era uma figueira, era bonita, bonita, a gente deitava depois do almoço e tinha o caminhão do seu Lúcio que Deus já levou. Eles consertavam o plano de barco na rua da greina. Sabe, era bom demais. E eu não sei quem contou essa árvore eles cortaram, eu sei que nós deixamos também. E plantaram agora três, é toda diferente. Eu sei que nossa figueira deixou saudades. Era cercadinho, sabe era maravilhoso nosso bairro antigamente, era bom demais. Então veio o governo Cafeteira que fez esse Anel Viário. Aqui nós tínhamos o porto, a gente pescava, oh! Era bom demais. Fazia muitas amizades porque antigamente o transporte era marítimo, não tinha a BR- 135 e o pessoal da baixada São Bento, Pinheiro, Viana, tudo era de lancha, por isso que o comércio era aqui na Praia Grande, era legal e o comércio aqui era bom. Você vê o desespero de carro, poluição danada, agente não pode nem atravessar por outro lado. Se tivesse faixa, se tivesse sinal, morre atropelado mesmo. Mas o progresso é como se diz e o tempo que muda pra melhor, e pra pior também porque a violência aumentou muito aqui em nosso bairro. (MENDES, 2010, p. 81)

A escola de samba “Flor do Samba” é uma referência para toda a comunidade. O local é um ponto de encontro tanto para os membros da escola, quanto para as pessoas que frequentam as festas promovidas no local. Entretanto, a sede da escola está localizada abaixo do largo do Desterro, onde foi construída uma lage. Atualmente o local foi interditado pela defesa civil, pois corre o risco de desabar. Uma das pessoas moradoras do bairro relata o que havia no local antes da construção da sede da escola:

Ali onde fizeram a flor do samba agora, ali era uma garagem de ferro, trabalhavam com ferro. Hoje em dia fizeram ali a flor do samba. Aquela escadaria ali não tinha, tinha era um ferro passado de um lado e de outro e



agente olhava daqui de cima. Que era cimentado como ta agora. Mas tinha os pilava ferros assim de ponta que a gente olhava lá pra baixo. Minha irmã lavava roupa e eu vinha estender rede, tudo lá que dava um vento que era uma verdadeira beleza, ali era uma oficina de ferro, não sei que fizeram que rebuliço. (MENDES, 2010, p. 50)

Próximo à escola Flor do Samba, atualmente funciona a CAEMA (Companhia de Água e Esgoto do Maranhão). Uma pessoa moradora do bairro relata o que funcionava ali antes da atual função do espaço:

Aqui pra quem não sabe ai aonde é a Caema ai funcionava uma fabrica de pilar arroz e fazer óleo de babaçu. Chamava-se Jaracati Campos. Ali encostava as lanchas onde chamam que eles, tinham uma embarcação que era grande, era coberta de palha, assim tipo essas casas de taipa, coberta de palha que tem no interior. Assim, eram esses batelões, eles chamavam batelão. Aquilo vinha cheio com 2.000, 3. 000 sacos de arroz e coco, certo. Ai encostava ai, ai essa fabrica ia pilar o arroz, tudo isso, por dentro dessa fabrica, onde hoje é a Caema, que eles tomaram de conta. (MENDES, 2010, p. 49)

Um outro hábito praticado pelos moradores do Desterro é a realização de uma feira ao ar livre, popularmente chamada de “leilão”. Este local, além do comércio, era uma forma de encontro entre as pessoas, para a prática do lazer, da socialização, que fortalecia os vínculos afetivos entre as cada membro da comunidade com os demais, e também das pessoas com os lugares, como é narrado por uma das pessoas da comunidade:

Olha tinha leilão, ali no lago. O que era leilão? Leilão. O pessoal botava umas coisas pra vender viu era negócio da mesa de bolo, aquelas mulheres antiga botava aqueles bolos eu me lembro, assim aqueles chapéus vampiro, aquelas coisas que chamava leilão (sic). Aqueles objetos pra vender que fica lá, aqui não eles traziam foguete, venda de doce, era tudo, tudo de tudo tinha era laranja, era banana, era tudo... Eles vendiam nesse largo do Desterro. Aqui era mesa de mingau de bolo, fazia peixe frito com arroz de toucinho, botava pra vender pro pessoal ai que vinha pra festa num sabe! Agora outra coisa que tinha quando a banda do 24 BC vinha tocar aqui acompanhava a imagem da procissão só depois da meia noite em diante que terminava a festa. Nunca teve barulho, nunca teve desavença o pessoal todo unido daqui da comunidade. (MENDES, 2010, p. 57)

No Largo do Desterro, localizado em frente a igreja, ocorriam diversas programações culturais e encontros além do já citado leilão. Muitas pessoas mencionam que havia uma grande árvore na praça, e lá morava um bicho-preguiça. Também haviam bancos na praça, em que as pessoas gostavam de se sentar e ver o animal, conversas, encontrar os amigos. Atualmente estes elementos não existem mais, e a praça foi descaracterizada.



A igreja depois que passou pro patrimônio eles tem uma regalia com a comunidade em trabalhar com a igreja, mas eles podem mudar tudo que aquela praça era não era com essas pedras que é agora, era de piçarra. Tinha um pé de arvore grande enorme que cobria a praça todo e eu achei que eles tombaram tudo e fecham pra um lado e desmancham pra outro. Eles porque a gente não pode. Ai a praça era cercada duma grade ate quase em frente à porta da igreja, aquela lateral e bem no canto daqui tinha um pé de arvore era enorme tinha ate uma preguiça que morava nesse pé de arvore. E ai depois eles modificaram eles tiraram a praça, a igreja não podemos colocar nada não podemos coloca flor artificial, mas eles não colocam flor natural e não deixam a gente colocar nada. Pra botar e a maior dificuldade porque ela é tombada pelo patrimônio tem que ficar natural mesmo, fazem umas reformas, mas a igreja está quase caindo vocês olham de três e quatro anos tem reforma eles modificam e não fazem nada só pra destruir a igreja esse é que é o problema. (MENDES, 2010, p. 65)

O Bairro do Desterro possui uma dinâmica de convivência muito peculiar e característica. A rua se caracteriza por um lugar de encontro, onde as pessoas conversam, se conhecem, se ajudam. As pessoas colocam as cadeiras nas calçadas para conversar com vizinhos e observar a movimentação no bairro. Assim sendo, outro objetivo do nosso projeto é descrever a dinâmica cotidiana dos moradores do bairro, seus costumes, relações de vizinhança, modo de vida.

No trabalho de Pinheiro (2020, p. 100) a autora reuniu um grupo de moradoras do Desterro e pediu que cada uma fizesse um desenho dos “locais que consideravam seu ponto predileto no bairro” A participante Maria da Graça desenhou o Convento das Mercês, e disse: “hoje um dos lugares mais importantes para mim é o convento mesmo, porque lá já foi quartel da polícia militar, já foi corpo do bombeiro. E hoje tem um monte de coisas para visitar. Acho que é uma das coisas mais antigas do bairro”. Jena Ribeiro desenhou a Igreja do Desterro, e disse “Eu fiz um desenho da vista que eu tenho no quintal da minha casa, que tem ainda umas ruínas de arcos... com essa vista para o local mais importante do bairro: A igreja do Desterro! Não tem jeito, é a Igreja mais antiga da cidade! Para mim é o coração do bairro”. Edileuza Silva desenhou a Praça da Escola Flor do Samba, e disse “Eu não moro aqui há muito tempo, mas para mim hoje, tem que falar dos lugares novos, né? Porque hoje a gente daqui faz nossas festas é nessa praça. Carnaval, ensaio de boi, tudo agora lá” Mary Poçandilha desenhou os modelos de moradia da Rua da Palma, e disse “Para mim não tem um lugar só, mas tem as nossas casinhas assim. Porta e janela, não parece de boneca? Eu acho lindo aqui na Rua da Palma essas nossas coisas. Se você vai em outros lugares não é assim, só aqui é assim”. Regina Célia também desenhou a Igreja do Desterro, e disse “Tem várias coisas que me lembram muito do Desterro, claro primeiro tem a Igreja, que todo mundo que vem aqui tem que conhecer, tem aqueles detalhes lindos, que parece um suspiro, tu já viu? Uma cebola, não sei. Mas é muito bonito, né? Todo mundo fala daquilo lá. Aí tem as pedras de cantaria, essas coisas do centro também”.

O Manual do IPHAN define que na categoria denominada “festas” ou “celebrações” consistem em eventos “importantes para uma comunidade passam de geração em geração. Com o decorrer do tempo, alguns elementos podem ser modificados, retirados ou inseridos na celebração (...) Por que isso pode ter ocorrido? Quem são as pessoas que se lembram da época em que elas ocorriam?” (FLORENCIO, 2016, p. 48)

[...] As brincadeiras eram uma das coisas mais simples, mas era uma das coisas mais familiar. Hoje a gente já vê uma preocupação mais comercial. Uma comparação assim, em termos de festa, que nós tínhamos aqui no bairro. Tinha a festa religiosa, tinha festa de Maria Brito, aqui perto da flor do samba era cada noite, era uma noite de umas lembranças, uma noite era do açougueiro, dos peixeiros, uma noite era dos policiais. Uma noite era dos casais e uma noite era dos jovens. E tudo aqui depois do dia 3 tinha a procissão, quando voltava tinha o jantar pra todo mundo aqui no bairro... Nós jogamos, nós apitamos, nós, fazemos esses jogos. É uma olimpíada, nos temos a olimpíada do Desterro e envolve nessa brincadeira mais de 1000 pessoas, nesses jogos do Desterro. Tem os amigos, o pessoal do bairro todinho ali, vai ter torneio de domino, torneio de dama, torneio de jogo de palito, torneio de sinuca. Nós fazíamos o encerramento. Nós fazíamos o folclore, era obrigatório toda uma equipe apresentar, uma dança, uma vez tem o tambor de crioula, dança do balaio, a dança do baralho. Cada um apresentava um tipo de dança no encerramento. (MENDES, 2010, p. 54)

Grande parte das celebrações que ocorriam antigamente deixaram de existir. As pessoas moradoras do bairro se lembram com saudosismo de tempos remotos em que a comunidade se unia para planejar as festas na igreja:

Mas como eu conheci o Desterro era de outro jeito não é como está agora. Tinha essa igreja do Desterro a 1a igreja daqui era zelada, tinha padre mesmo da igreja, tinha catecismo, tinha procissão, já teve entrevista reclamando sobre as imagens do Santo que não sai pra procissão, que antigamente minha Neta, saia todas as imagens daí dessa igreja. Quando chegou o dia, por exemplo, Bom Jesus do Carmo, subia ia pela igreja de Santo Antônio voltava subia aqui a rua grande, quando voltava era pela Rua do Sol e ia lá na igreja da Sé. Da igreja da Sá ele descia aqui nessa rua que tem na igreja da Sé descendo pra cá já tava vindo pra Rua da Palma. (MENDES, 2010, p. 67)

No estado do Maranhão, nas celebrações juninas é tradicional a presença do Bumba-meu-Boi. As quadrilhas são pouco comuns. Entretanto, na comunidade do Desterro havia a tradição da quadrilha, que nos dias atuais não existe mais. As pessoas guardam em suas memórias o tempo em que havia esta tradição:

Tinha muita festa ai na igreja tinha festa, procissão na época junino tinha o laço, era arraial, tinha quadrilha, brincadeiras, mesmo tradicional feito pelo



Dalmir, quando chegava no ultimo dia ele chamava e fazia uma quadrilha de ultima hora, tinha velho, famílias, crianças, tinha uma quadrilha que era só de homem, os homens vestido de mulher e tudo. Mas era aquela diversão. Tinha o carnaval sempre teve de samba nasceu aqui no Desterro e ate hoje existe. Naquela época, aquela flor do samba que hoje que só visam o dinheiro, nesse tempo não era nem escola, era bloco, era a diversão aqui do bairro sempre com carinho aqui do bairro e também tínhamos a segurança que na época o quartel da policia era instalado aqui no Convento das Mercês. Tudo era aqui no bairro e devido isso aqui também não tinha assalto. Era assim, as crianças tinha tempo de brincar de novo fazer brincadeira acho que a vida no Desterro era essa. (MENDES, 2010, p. 56-57)

Além das celebrações mencionadas, outras celebrações que podem ser inventariadas são o Bom Jesus da Cana Verde e a Serenata dos Amores.

Pessoas

Na produção do inventário, é possível criar novas categorias de análise além das 6 já propostas no manual do IPHAN. Sendo assim, tais saberes mencionados não abrange a um grupo de pessoas na comunidade, mas sim, uma única pessoa. Portanto, optamos por criar a categoria “pessoas” para registrar tais saberes. Na investigação do material bibliográfico, foi identificado que uma pessoa da comunidade é parteira, benzedeira e rezadeira, conhecida por Vó Graça. O trecho a seguir relata como foi realizado o primeiro parto dela:

Quando foi pra madrugada eu to escutando aquele alvoroço... Minha nora que era namorada do meu filho dizendo: chama, chama dona Graça, chama, e minha filha não chama...uma hora eu despertei e minha nora disse é porque Girlene está com dor. Eu disse: Minha filha vamos pro hospital. Ela disse: Mamãe eu não vou pro hospital que ainda não está na hora. Eu disse: Vamos embora. Nesse vamos embora ela levanto, fico em pé. Quando ela ficou em pé, ela disse: Mamãe não vai dar tempo eu disse: Por quê? Ela disse: Por que meu filho está nascendo... Eu fiquei doidinha da minha cabeça, sem saber o que fazia... Eu peguei a faca cortei um punho de uma rede desfiei. Botei uma papeira com água no fogo quando estava assim, mesmo borbulhando eu joguei o fio dento e procurei a tesoura... Lavei a tesoura bem lavada com sabão e tirei o fio, fiquei segurando o fio e botei a tesoura dentro pra ferver. Quando cheguei à cabeça da criança já estava saindo... Na época até eu chegar ao hospital eu não sabia o sexo da criança de tão desorientada que estava. (MENDES, 2010, p. 42)

Existe uma percepção das pessoas que o bairro vai sofrendo aos poucos um esvaziamento, pois os antigos moradores vão se mudando ou morrendo, e os novos moradores já não preservam as mesmas tradições dos antigos:

Antigamente as pessoas que participavam não moram mais aqui. Ta entendendo? Se tem um antigo é muito. Antigamente era só gente do meu



tempo. A maior parte já se mudaram daqui. Compraram casa lá pro Anil, João Paulo. Não participam já são bem velhos. Já moraram aqui e não querem mais saber. Eles não querem mais lembrar. Alguns que moram aqui os novos que tão fazendo esse negocio e o moço chamado Zeca, Maria de Jesus, minha filha, Dela, viu... Eu fui uma das que me legalizei nesse negocio da união de moradores que iam ganhar casa, ia ganhar isso aquilo outro, nunca nem me mandaram me chamar sobre união de moradores, eu não to por dentro de nada, eu só vejo os outros falar. Que união dos moradores pra cá, união dos moradores pra lá. Agora mesmo eles vieram aqui me chamar pra esse negocio de artesanato. Não vem nada, nada. Só veio um cartãozinho há muito tempo, mas não me participam de nada eu só sei por que olho, escuto. Como agora eles se lembraram, uma pessoa que botou ai, ele é filho do Desterro, o Joãozinho ele morava bem aqui na Rua Afonso Pena... Foi pedir pra ele e toda brincadeira toda noite. Vai ter até terminar a festa do boi, um filho daqui que se lembrou, mas que os outros não estão nem ai. Tanto faz como tanto fez. (p. 84)

Também é narrada a receptividade das pessoas do bairro com os turistas:

Hoje vem muito turista para aqui, visitar as igreja, visitar a praça e principalmente os turistas estrangeiros eles vêm e conversam com eles falam pra gente. Olha a gente vem aqui em São Luís a gente vem ver, coisa velha a gente vê muito na Europa, todinho, a gente vê esses os sobrados. Mas, o que chama atenção aqui é essa conversa em porta de rua. Os turistas conversam com os moradores e ai eles trocam idéias sobre todos os variados tipos de costumes de culinária, de perfume, da receptividade maranhense, aquela atividade carinhosa. Ele é bem recebido, tem boa conversa e ele sempre sai falando sobre a memória do bairro. (MENDES, 2010, p. 91)

Pinheiro (2020, p. 120) pediu para que cada participante de sua pesquisa desenhasse pessoas que moram no bairro. Regina Célia desenhou “João Paulo - Idoso, já falecido. Comerciante homenageado por sua filha, copesquisadora (Regina Célia). Morou no bairro a vida inteira, até o dia de seu falecimento. Apreciava e participava de atividades culturais e como sua própria filha o descreve “tinha muito orgulho de seu bairro e de sua história”.

Jene Ribeiro desenhou “Deline - Moradora do bairro há 32 anos, militante e defensora das causas da mulher com deficiência. Sempre que possível participa das atividades culturais do bairro. Também desenhou “Maria da Graça Morou no bairro e criou seus filhos no bairro, foi responsável por organizar o tambor de crioula, seus ensaios e apresentações. Participou das primeiras reuniões do grupo da presente pesquisa. Por motivos pessoais precisou se afastar. Além disso, será a responsável pelo centro de artes do bairro, a ser sediado na fábrica de artes.”. Desenhou “Dalmir - Por muitos anos foi o responsável pela administração dos eventos e reuniões da Igreja do Desterro, além de organizar apresentações culturais no largo da Igreja no período de festejo da padroeira. Suas responsabilidades foram transferidas para a administração municipal, após o tombamento do local.”



Mary Ponçandilha desenhou “Dinair Uma das mais antigas moradoras do bairro, comerciante e artesã. Enquanto jovem participou ativamente de diversas atividades culturais no bairro. É reconhecida pela maioria dos moradores, jovens e adultos.” também desenhou “Leocádia - Foi organizadora das apresentações e ensaios da escola de samba, Flor do samba, até se aposentar por questões de saúde e limitações da idade.” e também desenhou “Vitorinha - Idosa, uma das mais antigas moradoras do Bairro. Devido às condições de saúde precisou se afastar de atividades culturais e da participação de eventos sociais no bairro. É uma ex-comerciante reconhecida e querida por muitos habitantes.”

Edileuza desenhou a si própria. “Morou quando jovem e retornou ao bairro há cerca de quatro anos, por considerar o local uma região familiar, acolhedora e econômica. É participante do grupo da presente pesquisa e escolheu se representar como personagem que representa os novos moradores e pessoas que chegam ao bairro por iniciativa própria.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar uma pesquisa, em qualquer área do conhecimento, é necessário estabelecer um planejamento com critérios bem definidos, para que assim o trabalho seja realizado com eficiência e eficácia. Esta importância é ainda maior quando se trata de um trabalho em equipe, para que todos os membros sigam os mesmos critérios, e para que haja uma inteligível divisão de tarefas. Caso contrário, o tempo disposto para a realização do trabalho pode não ser suficiente para alcançar os resultados desejados.

A etapa de varredura, quando é realizado o levantamento bibliográfico, para a produção de um inventário participativo do patrimônio cultural, permite que já sejam identificadas algumas referências culturais para a comunidade, antes de iniciar a etapa da pesquisa empírica. Os trechos transcritos das falas dos moradores da comunidade ajudarão a embasar as fichas do inventário que comporão o dossiê, ao final do projeto. Dessa maneira, foram identificados como referências culturais, na categoria “saberes”, o artesanato produzido pela comunidade através do curso promovido pelo SEBRAE, e as múltiplas militâncias em busca de renda e melhoria da qualidade de vida para a população. Como “expressões”, identificamos as manifestações da cultura popular, como a escola de samba Flor do Samba, o tambor de crioula Tambor dos Onças, a escola de capoeira e as celebrações de carnaval. Na categoria “construções”, temos os casarões, como um conjunto de construções tombadas, a Igreja do Desterro e o Convento das Mercês. Na categoria “lugares” temos o Portinho, a Escola Flor do Samba e as ruas, espaços públicos que promovem os encontros das pessoas.



Na categoria “festas” ou “celebrações” temos as brincadeiras, jogos, festas religiosas, procissões e festejos juninos promovidos pelos membros da comunidade, sendo que alguns ainda ocorrem na atualidade, e outros já deixaram de existir. Na categoria “pessoas”, que não está no manual do IPHAN, mas achamos por bem acrescentar, foram identificadas algumas pessoas que são líderes comunitárias do bairro.

Dessa maneira, o levantamento bibliográfico se mostrou uma etapa essencial para a realização do inventário participativo, já que os trechos transcritos das falas das pessoas que moram na comunidade permitem a identificação de referências culturais.

REFERÊNCIAS

CHAVES, César Roberto Castro. **Educação patrimonial no bairro do Desterro**: estudos sobre os projetos de patrimonialização no Centro Histórico de São Luís-MA. 129 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Mestrado Interdisciplinar Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2012.

DAMERY, Claire. **Espace public, patrimoine et milieu affectif**: exemples du Marais d'Orx et du Domaine d'Abbadia. 2008. 501f. Thèse (doctorat) de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour. Institut de Recherche sur les Sociétés et l'Aménagement. École Doctorale Sciences Sociales et Humanités. Société, Environnement et Territoire. France, 2008.

FLORENCIO, Sônia et al. **Educação Patrimonial: inventários participativos**. Brasília: Iphan, 2016.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas**. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

LIMA, Zelinda et. Al.. **Memórias de Velhos**: depoimentos. SECMA/CMF São Luís, 2006.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. **Memória de Velhos**. Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: LITHOGRAF, 1997. Volumes: I, II, III, IV.

MENDES, Joquebede. **Um Novo Olhar para o Patrimônio**. Monografia. Curso de Especialização Geografia do Turismo da Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2010.

NOGUEIRA, ROBSON DE MELO . Práticas que legitimam a tradição “roots” no cenário musical do reggae em São Luís do Maranhão. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Música. Universidade de Brasília. Brasília – DF, 2019.

PINHEIRO, Nathalia . Design Participativo Para Cultura Patrimonial. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Design, Departamento de Desenho e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2020.